

---

## Século 21: Fim da Sociedade do Trabalho ou Intensificação da Jornada? Resenha do livro "Mais Trabalho!"

---

José de Lima Soares\*



Sadi Dal Rosso é professor titular de Sociologia da Universidade de Brasília. Ao longo de várias décadas vem desenvolvendo sua pesquisa sobre os seguintes temas: condições de trabalho, jornada de trabalho (história, duração, flexibilidade, intensidade, horas extras, redução de jornadas), sindicato (história, greves, reformas), transformação da força de trabalho na agricultura, educação superior (gratuidade, democratização, publicidade), movimentos sociais, método de pesquisa e teoria. Tem conseguido conciliar a militância sindical em defesa da luta dos professores por melhores condições de vida e trabalho (ANDES-SN), com a tarefa de pesquisador das condições de trabalho no Brasil, coordenando inúmeros projetos de investigação nessas áreas, tendo publicado, em 1996, o livro *A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu*, que se constituiu em uma referência obrigatória para os estudiosos da sociologia do trabalho.

O novo livro de Dal Rosso vem a lume em um momento em que o sistema capitalista passa por uma profunda crise. Crise esta que acaba afetando o conjunto dos trabalhadores em todo o mundo. Nas últimas décadas, muito tem se debatido a respeito das mudanças no mundo do trabalho, da centralidade do trabalho e, até mesmo, do fim da sociedade do trabalho. Concomitantemente, tem-se falado de crise do trabalho, crise do capital, crise do capitalismo. Temas como a questão da jornada de trabalho, o

---

\* Doutor em Sociologia/UnB. Professor da UFG – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

controle dos tempos e movimentos pelo capital, trabalho produtivo e trabalho improdutivo, trabalho material e trabalho imaterial, os padrões de gerenciamento, os novos processos de trabalho e, conseqüentemente, a intensidade do trabalho tem servido de fontes de pesquisa para várias áreas do conhecimento científico, mas, sobretudo para a sociologia.

Na contextualidade desse quadro, o trabalho de Sadi dal **Rosso** adquire uma dimensão importante. Não apenas traz à tona o debate da sociedade do trabalho, mas demonstra, com profundidade, como vem se manifestando a ofensividade do capital sobre o trabalho e de como a intensificação do labor tem afetado os trabalhadores no âmbito da sociedade contemporânea. Intensificação esta que perpassa o universo de todas as categorias de trabalhadores assalariados, além das implicações sobre a subjetividade, envolvendo problemas de saúde, de precarização das condições materiais de existência.

O trabalho se divide duas partes (V capítulos). Uma que trata da base conceitual da intensidade do trabalho e da construção histórica da noção de intensidade do trabalho envolvendo os padrões de acumulação taylorista-fordista, passando pela acumulação flexível e o toyotismo; e a segunda parte, que trata exaustivamente da intensidade do trabalho, ao examinar e estudar em profundidade as fontes de dados, relacionando-as com a intensificação nos bancos, telefonia e comunicação, supermercados, ensino privado, construção civil, serviço público. O que fica evidente é que o capital, trabalho morto, submete mais e mais os trabalhadores a jornadas extenuantes, levando-os as condições as mais alienantes e brutalizadas.

Ao desenvolver o conceito de intensidade do trabalho, o autor procura destacar que tal intensidade está diretamente ligada ao dispêndio de energias realizado pelos trabalhadores na atividade concreta. Nesse sentido, é possível observar que: “Há intensificação do trabalho quando se verifica maior gasto de energias do trabalhador no exercício de suas atividades cotidianas. Quando se trata de trabalho físico, os resultados aparecem em medidas tais como maior número de veículos montados por dia por pessoa etc. Quando o trabalho não é físico, mas de tipo intelectual, como no caso do pesquisador, ou emocional, como o que ocorre com o educador e a enfermeira, os resultados podem ser encontrados na melhoria da qualidade mais do que na quantidade de pessoas atendidas” (p. 21).

Em *Mais trabalho!* Sadi Dal Rosso procura desmistificar a concepção neoliberal ditada pelos sicofantas do capital que seguem insistindo que chegamos ao fim da sociedade do trabalho e que só nos resta agora nos contentarmos com o que o mundo do capital pode nos ofertar. Como bem define Antonio Cattani (p. 9), na apresentação do livro: “A obra *Mais Trabalho!* é um desmentido cabal às interpretações apologéticas da superioridade do capitalismo e às teses equivocadas sobre o fim da centralidade do

trabalho, sobre o surgimento da "sociedade da inteligência" ou da "comunicação", de um capitalismo pós-industrial sem trabalhadores”.

A partir de uma análise marxista, consistente, rigorosa Dal Rosso desvenda a lógica destrutiva do capital, ao se indagar, por exemplo: “A quem serve o aumento da carga de trabalho no mundo contemporâneo? Quem se beneficia da intensificação da produtividade e do ritmo dos trabalhadores? Com certeza não são os próprios trabalhadores, que sofrem com os efeitos da dinâmica capitalista de elevar qualitativa e quantitativamente a produção a qualquer custo. É essa a lógica destrutiva do capital no início do século XXI! O autor ainda se propõe a descrever, com propriedade, as cobranças e práticas por maior qualidade, produtividade, eficiência, agilidade e velocidade as políticas implementadas pelas empresas públicas e privadas que acabam por esconder o movimento de intensificação do trabalho. Assim, a partir de uma profunda análise crítica das chamadas novas práticas de gestão, do que Dal Rosso chama de “ordem geral dos acontecimentos e sua conexão intrínseca” passando a discorrer sobre os movimentos determinantes do processo de intensificação do trabalho. O autor observa que o primeiro movimento diz respeito às práticas que objetivam aumentar o rendimento do trabalho – por alongamento de jornada, aumento do ritmo e velocidade, flexibilidade ou intensificação do trabalho – são concebidas e desenvolvidas no setor privado por agentes visionários que se valem da linguagem messiânica para gerar convencimento sobre os saltos de produtividade obtidos; o segundo movimento onde é possível observar que técnicas assim geradas e testadas difundem-se rapidamente no mundo da economia privada e das empresas públicas, uma vez que as empresas buscam beneficiar-se dos novos ganhos de produtividade e, por fim, o terceiro movimento, onde, de acordo com o autor, ao serem implantadas nas empresas privadas e públicas, as práticas estão prontas para ser transferidas ao setor público, mesmo, em ambos os casos, enfrentando resistências (pp. 182-183). Com argumentos consistentes e investigação rigorosa, Sadi desafia aqueles que acreditam no fim da centralidade do trabalho e no surgimento de uma nova sociedade sem trabalhadores.

Tomando como núcleo de sua pesquisa a realidade social de Brasília, cidade sem tradição de trabalho industrial, Sadi Dal Rosso apresenta as consequências negativas do excesso de trabalho, onde a cobrança por resultados e a exigência de versatilidade cobram custos altíssimos da saúde física e emocional dos trabalhadores. A obra desenvolve conceitos como intensidade do trabalho, a relação deste fenômeno com os trabalhadores e as consequências deste para a sociedade. O trabalho nos chama atenção pela vasta Bibliografia pesquisada, onde autor dialoga com grandes teóricos do marxismo e da esquerda, demonstrando a atualidade do pensamento de Marx, bem como dialogando com estudiosos da sociologia do trabalho, dentre eles, Claus Offe, André Gorz, Mészáros, além de uma vastíssima bibliografia de estudiosos da

intensificação do trabalho certamente ignorada do público brasileiro. Chegando a conclusões originais, o livro *Mais trabalho!* demonstra empiricamente a atualidade da luta de classes, apontando quais segmentos sociais ganham com o enfraquecimento e a fragmentação das forças sociais do trabalho. O livro, pela originalidade da pesquisa e do tema, deve ser indicado para todas as áreas das ciências humanas, bem como para todos aqueles que lutam não apenas contra a intensificação da jornada, a precarização do trabalho e a exploração da força de trabalho, mas para todos que aspiram a construção de uma sociedade, com bem lembra Istvan Mészáros, para “além do capital”, onde não haja lugar para a exploração do homem pelo homem e que o “livre desenvolvimento de cada um seja o livre desenvolvimento de todos”.